

Metonimicamente idealizados*

Daniel Ferreira Costa**

Resumo

O presente estudo tem por finalidade analisar o fenômeno cognitivo de metonimização dos léxicos da Libras. Esta análise, dentre suas proposições, enfatiza a relação intrínseca entre metonímia e iconicidade (Albres, 2012; Murta, 2020; Silva Junior, 2018). Além disso, objetiva-se a investigação de alguns léxicos metonímicos em relação a possíveis rejeições empreendidas por falantes de Libras. Isso ocorre devido às conceituações desses léxicos serem incompletas e/ou incoerentes. As incompletudes conceituais apresentadas ocorrem, majoritariamente, visto que as características metonímicas dessas palavras, diferentemente do que teoriza Abreu (2008), não são as “mais representativas desse todo”, ao contrário, elas apresentam aspectos que, equivocadamente, tentam realizar essa representação, porém de forma falha. Assim sendo, em alguns casos, surge a necessidade de que haja uma nova idealização para esses sinais, na busca de características metonímicas que abranjam os aspectos culturais e identitários do povo que os utiliza e/ou do grupo a que se faz referência.

Palavras-chave: metonímia; léxico; libras; iconicidade.

* Este artigo foi elaborado a partir de motivações decorrentes das discussões e dos seminários realizados na disciplina Teoria semântica com ênfase em português, ministrada, por Hugo Mari, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista Capes.

Metonymically idealized

Abstract

The purpose of this study is to analyze the cognitive phenomenon of metonymization in Libras lexicons. This analysis, among its propositions, emphasizes the intrinsic relationship between metonymy and iconicity (Albres, 2012; Murta, 2020; Silva Junior, 2018). Furthermore, the aim is to investigate some metonymic lexicons in relation to the rejection undertaken by Libras speakers. This occurs because the conceptualizations of these lexicons are incomplete and/or incoherent. The conceptual incompleteness presented occurs, for the most part, since the metonymic characteristics of these words, contrary to what Abreu (2008) theorizes, are not the “most representative of this whole”, on the contrary, they present aspects that, mistakenly, try to carry out this representation, but in a flawed way. Therefore, in some cases, there is a need for a new idealization of these signs, in the search for metonymic characteristics that cover the cultural and identity aspects of the people who use them and/or the group to which they are referred.

Keywords: metonymy; lexicon; libras; iconicity.

Introdução

A Libras — Língua Brasileira de Sinais —, como qualquer outra língua, é constituída de um arcabouço lexical. Os léxicos que compõem essa língua visam ao estabelecimento imagético, quando possível, de uma relação com o objeto ou com o conceito referido. Essa imagetividade, quando trazida à cena, pode ser acrescida de outros elementos. Entre as possibilidades, oriunda do campo de estudos cognitivos e objeto de pesquisa deste trabalho, temos a metonímia, como responsável pela idealização de alguns léxicos utilizados por nós, falantes de Libras.

A metonímia como figura de linguagem, sumariamente, tem a função de estabelecer um referenciamento mediado pela relação entre a parte e o todo. Na Libras, esse processo ocorre da mesma forma, todavia, apesar de a criação desses sinais metonímicos terem características icônicas, por vezes, pode haver rejeições por falantes pertencentes a essa comunidade. Assim sendo, este artigo tem como objetivo a análise dos tipos de influências metonímicas e, a partir disso, discutir sobre alguns tipos de incompletudes e/ou incoerências conceituais presentes em alguns sinais com essa característica.

Os sinais metonímicos e os demais existentes, no repertório vocabular da Libras, são idealizados pelos surdos. Por tratar-se de uma língua e nela estar abarcado uma infinidade de léxicos intrínsecos a diversas áreas do conhecimento, a criação dos sinais-terms da Libras não é uma tarefa fácil, pois requer uma compreensão conceitual mais acurada do léxico. Os surdos, na ausência de especialistas de determinada área, dependendo do léxico proposto, têm que se empenhar nessa idealização lexical. Uma possível consequência é que os sinais criados podem possuir uma conceituação incompleta e/ou incoerente. Havendo, em algumas situações, a necessidade de uma nova idealização para esse léxico como será apresentado em tópico posterior.

Em outros dizeres, o presente trabalho visa à análise da relação metonímica presente em alguns vocábulos da Libras; dos possíveis prejuízos linguísticos, além disso, da resignificação visual que é elaborada, visando a uma readequação conceitual.

1. Metonímia e cognição

A metonímia, de acordo com os pensamentos de Lakoff (1987), é considerada um dos atributos básicos da cognição humana. Os estudos empreendidos pela linguística cognitiva, dentre seus objetivos, visam à consideração de que a linguagem é corporificada. Paradigmas como o dualismo cartesiano que teorizam que a mente e o corpo não se relacionam, nos dias de hoje, são refutados, pois foram objetos de muita revisão. A linguagem e a cognição estão intrinsecamente relacionadas. A cognição humana, como muitos estudos apontam, é corporificada (Cavalcante, 2023; Cavalcante; Militão, 2019; Geertz, 2010).

A linguagem, segundo Chomsky (1957), é a capacidade inata de o ser humano produzir e compreender a língua. Para Vigotski (2001), a linguagem e o pensamento estão inter-relacionados e quão importante é a linguagem para o pensamento complexo. Por fim, conforme Zlatev (2003), todos os sistemas que possuem vida são capazes de produzir sentido. Para o autor, “significado é a relação entre um organismo e seu ambiente, determinado pelo valor que aspectos particulares e ambientais estabelecem para o organismo em questão” (Zlatev, 2003, p. 5). Portanto, as teses trazidas por esses autores apontam uma linguagem multifacetada, que nos permite a produção e recepção de sentidos permeados de complexidade, como é o caso da metonímia.

No campo da semântica cognitiva, temos os processamentos metafóricos e metonímicos que estão imbricados nessa produção e recepção de sentidos, logo, precisam gerar sentido durante a interação. Essa produção de sentidos, pode ser expressa de diversas maneiras, afinal, a linguagem, em seu caráter dinâmico, assim como teorizou Pinker (2002), permite aos seus falantes a compreensão de diversas sentenças, mesmo quando ouvidas pela primeira vez. Segundo Tomasello (2006), nossas habilidades linguísticas são um resultado das experiências obtidas ao decorrer da vida, segundo ele:

As habilidades linguísticas que um indivíduo possui em qualquer momento — sob a forma de um “inventário estruturado de unidades simbólicas” — resulta de suas experiências acumuladas com a língua e são obtidas pela totalidade de eventos de usos ao longo de sua vida. Essa experiência linguística acumulada

sofre processos de entrenchamento, devido aos usos repetidos de expressões específicas no decorrer desses eventos de uso, e a processos de abstração resultantes das variações de expressões específicas no decorrer dos eventos de uso. Sob esse foco, nos eventos de uso e nos processos de aprendizagem de línguas, que ocorrem nesses eventos, um aspecto crucial na agenda de pesquisa dos modelos de língua baseados em uso é, ou deveria ser, o estudo de como os seres humanos constroem os aspectos mais básicos de sua competência linguística desde a infância. (Tomasello, 2006, p. 439).

A metonímia, como objeto de estudos, tem sido analisada, majoritariamente, como um fenômeno textual, porém, como já mencionado, ela abarca também os estudos da cognição humana, isto é, mediante a capacidade que nós indivíduos temos de produzir sentidos com o uso de substituições equivalentes, por óbvio, quando há uma proximidade de significações que permita um dos elementos, seja usado no lugar do outro com o mesmo significado. Cavalcante (2023), ao promover uma alusão da intertextualidade, comparando-a ao fenômeno da metáfora e metonímia, sob uma perspectiva cognitiva, aponta que:

não se restringe, à dimensão linguística dos processos de comunicação humana, ao uso do sistema simbólico a que denominamos língua. [...] também estão indicados em diferentes níveis de granularidade, o que abre possibilidades para que os trabalhos de pesquisa, em diversas perspectivas, possam ser realizados. (Cavalcante, 2023, p. 76).

Em resumo, a metonímia, muito além de uma substituição, está englobada no processamento cognitivo. Ela transcende o nível textual, pois é desenvolvida, primeiramente, na e pela linguagem. E, como já citado, faz-se por meio de um processo dialógico e de significação, ou seja, precisa gerar sentido para seus interlocutores.

1.1 Metonímia como fenômeno de categorização

Abreu (2008), ao dissertar sobre metonímia, aponta o questionamento do porquê de nomear algo mediante uma parte ou por meio de uma característica ligada a ela. Em resposta, ele define que “costumamos ver algumas partes de um todo como mais representativas desse todo.” (Abreu, 2008, p. 143). Um exemplo é o sinal dado às pessoas que participam da comunidade surda ou às pessoas famosas. Esse sinal, geralmente, visa a trazer destaque a uma determinada característica que a pessoa surda (responsável pela criação) acredita ser a mais representativa, mesmo que essa característica deixe de existir posteriormente — um exemplo é o sinal dado ao jogador de futebol Neymar Jr. que faz referência ao corte moicano que ele usava no início de sua carreira.

Nessa perspectiva, os processos metonímicos visam a trazer destaque aos elementos prototípicos do objeto referido, isto é, evidenciam as características referenciais, em outras palavras, trazem à cena aspectos que, visualmente, são mais notáveis. Por exemplo, quando se lida com um trabalho que requer força física, ao solicitar ajuda, pede-se “uma mão”, ou seja, o elemento do corpo que vai atuar de fato nesse serviço. O mesmo ocorre ao analisarmos a expressão: teremos mais “uma boca” no jantar, para se referir ao acréscimo de uma pessoa que irá juntar-se a determinada família, na refeição noturna. Sendo, nesse caso, a boca o elemento referência, visto que é nela onde se inicia o processo digestório. Além disso, quando uma pessoa perde seus óculos, usa a seguinte expressão: alguém viu “os meus olhos”? Isto é, os óculos como parte essencial da visão daqueles/as que os utilizam. Para Paiva (2016), a metonímia é, primordialmente, utilizada no referenciamento,

onde podemos nos utilizar de um elemento em um esquema para fazer referência a outra entidade no mesmo esquema e, ainda, que uma entidade em um esquema pode substituir outro elemento no mesmo esquema ou todo o esquema. (Paiva, 2016, p.11).

Valle (2018, p. 48) caracteriza a metonímia como a “[...] prima pobre da metáfora.”, apesar disso, ela teoriza que é um fenômeno base da

cognição, além disso, ela complementa que o processo metonímico está “[...] presente em nossa linguagem e pensamento. Assumimos, doravante, que o processamento metonímico é, assim como o processo de metaforização, fundamental para nossa atividade de produção de sentido.” (Valle, 2018, p. 48). Ainda sob o ponto de vista de Valle, “consideramos que é possível compreender essas construções, pois, através de processos mentais predicamos as informações consideradas relevantes para aquela situação semiótica.” (Valle, 2018, p. 48).

Apesar das similaridades entre metáfora e metonímia e desse “parentesco” associado a elas, elas se diferenciam em alguns aspectos. Lakoff e Johnson (2002) teorizam sobre uma diferença aspectual entre os processos metafóricos e metonímicos, para eles:

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra (Lakoff; Johnson, 2002, p. 92-93).

Os processos metafóricos e metonímicos estabelecem uma relação entre dois termos. Apesar disso, a distinção aspectual entre a metáfora e a metonímia, apresentada pelos autores, ajuda-nos a entender melhor sobre a função desempenhada por cada uma delas. A metáfora, ao estabelecer a substituição dos termos, tem o objetivo de trazer uma compreensão àquele que recebe a informação. Por exemplo, ao chamar alguém de flor, a intenção é apontar as características que a pessoa compartilha com ela, isto é, a delicadeza, a beleza etc. Já a metonímia, tem a finalidade de trazer um referenciamento. Para exemplificar, quando uma pessoa diz que deseja comer o prato todo, está fazendo uma referência ao conteúdo que foi colocado nele e não ao prato em si.

A referência estabelecida pela metonímia pode ser influenciada por diversos fatores. Uma possibilidade é a mercadológica, como ocorre com os macarrões instantâneos, denominados majoritariamente de miojos, ou seja, esses produtos recebem o nome da marca que os comercializa. Entretanto, apesar das influências existentes, a metonímia sempre será pautada em uma referência, predominantemente, estabelecida. Outro exemplo são os talheres — sendo considerados tradicionalmente compostos por colheres,

garfos e facas —, apesar de possuírem um nome que abranja os três objetos, o kit também leva o nome de faqueiro — tendo, dessa forma, a faca como referência dentre esses materiais.

2. O processo metonímico na Libras

A metonimização da Libras, como mencionado anteriormente, ocorre de igual maneira, entretanto, visamos aqui à análise de outros elementos adjacentes a esses léxicos, frutos de uma idealização metonímica. Estudos já realizados sobre metonímia na Libras, ainda que ínfimos, apontam que os léxicos motivados metonimicamente, também, são icônicos (Albres, 2012; Murta, 2020; Silva Júnior, 2018). Sob a perspectiva de Xavier e Santos (2017, p. 68), há uma relação intrínseca entre iconicidade e metonímia, para eles: “A seleção imagética, por exemplo, pode ser entendida como um processo metonímico, dado que consiste na seleção de uma imagem mental dentre as várias associadas a um conceito para representá-lo como um todo.”

A iconicidade, nas línguas de sinais, refere-se ao vínculo estabelecido entre o léxico e o conceito ou objeto que ele retrata. O uso da iconicidade é primordial, visto que seus aspectos imagéticos trazem enriquecimento às línguas sinalizadas, que são, afinal, constitutivamente visuais. A relação estabelecida entre metonímia e iconicidade concebe um léxico cuja característica prototípica é evidenciada visualmente. Em conformidade, Silva Junior (2018, p. 42), afirma que os léxicos icônicos “podem ser entendidos mais facilmente, já que se assemelham a uma fotografia; podendo ser, em determinados contextos, visualmente perceptíveis”.

O sinal de carro, por exemplo, é influenciado por esses dois fenômenos — metonímia e iconicidade. O léxico de carro, como demonstrado na figura 1, é metonímico, pois o volante é uma característica prototípica do veículo e, de igual forma, icônico porque o movimento reproduzido durante a sinalização do volante, gera uma relação imagética com o objeto referido. Desse modo, até mesmo uma pessoa que ainda não sabe Libras consegue identificar a referência feita pelo léxico durante a produção dele.

Figura 1 — léxico de carro.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Os léxicos metonímicos, como já citado, são dotados de um fenômeno capaz de evidenciar um aspecto da parte que pode ter uma representatividade mais abrangente. Um bom exemplo encontra-se no sinal de arquiteto, disposto na figura 2. Ele é representado pelo mesmo léxico utilizado para régua, isto é, um de seus principais instrumentos de referenciamento da profissão, sendo, dessa forma, um elemento prototipicamente adequado para o estabelecimento dessa relação metonímica.

Figura 2 — léxico de arquiteto e régua.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

3. Incoerências metonímicas

Primeiramente, cabe aqui a ênfase de que a presença de léxico com incompletude e/ou incoerência conceitual não é um fenômeno específico da Libras, ele pode ser percebido em outras línguas. No que diz respeito à língua portuguesa, há dois exemplos que iremos trazer à cena neste trabalho, sendo eles: escravo e índio. Torna-se importante salientar que esses dois léxicos apresentados são inadequações de cunho político e não metonímico, eles, apenas, servem para demonstrar que, em outras línguas, existem léxicos que seu uso é inadequado.

O verbete *escravo*, do latim *sclavus*, no dicionário, dentre suas acepções, traz a seguinte definição: “Que, ou o que vive em absoluta sujeição a um senhor.” (Escravo, 2018). A palavra escravo, na língua portuguesa, ainda é utilizada por muitas pessoas; entretanto, seu uso deve ser evitado, pois o termo, além de um substantivo, também funciona como um adjetivo, ou seja, algo que denota uma característica. Porém, ser escravo não se tratava de um atributo desses indivíduos, e sim de uma imposição. Assim sendo, o termo foi substituído pelo verbete *escravizado*, que conceitualmente abarca a condição imposta, à época, pela sociedade branca. Similarmente, o verbete índio — cunhado equivocadamente por Colombo ao acreditar que teria encontrado as Índias —, no dicionário, há uma acepção que o define como: “Aborígene¹ da América.” (Índio, 2018). Como se vê, o termo e sua acepção não trazem a pluralidade vivenciada pelos povos indígenas — termo mais adequado de ser utilizado.

Como mencionado, em tópicos anteriores, mesmo que os sinais metonímicos possuam a premissa da substituição da parte pelo todo e vice-versa, atualmente, há alguns sinais que evocam uma parte que está em desacordo com as proposições de Abreu (2008), ou seja, a parte destacada não é a mais representativa do todo. Além do mais, alguns sinais, metonimicamente projetados, em sua forma estabelecida, geram uma incompletude conceitual e, em algumas situações, cultural em relação ao objeto referido. Assim sendo, esta seção visa à análise desses léxicos e das possíveis repercussões pós-criação.

¹ Única acepção que remete aos povos indígenas indiretamente, pois o verbete de Aborígene, em sua acepção, traz: “Originário da própria região, nativo, primitivo; primitivos habitantes de uma região; autóctones, indígenas” (Aborígene, 2018).

Com a finalidade de compreendermos melhor esse fenômeno e seus impactos, apresentaremos aqui, como exemplos, algumas proposições metonímicas idealizadas inicialmente. Porém, devido às questões trazidas neste artigo, houve a necessidade da proposição de outros léxicos que englobam uma conceituação mais pertinente.

Em primeiro lugar, trazemos à cena o léxico indígena, representado na figura 3. A primeira versão desse sinal foi projetada tendo como referência os indígenas norte-americanos apresentados em filmes e desenhos animados, visto que eles, em seus ritos, têm o costume de dar batidas suaves nas próprias bocas durante as danças. Entretanto, esse rito não faz parte das práticas dos indígenas brasileiros. Logo, a incoerência metonímica desse léxico acarretou em uma incoerência política, visto que ele não é aceito pelos surdos-indígenas. Assim sendo, os membros surdos de comunidades indígenas propuseram um novo léxico, apresentado na figura 4, idealizado também metonimicamente a partir das pinturas faciais, prática mais comumente utilizada nas comunidades indígenas brasileiras.

Figura 3 — primeira versão do sinal de indígena.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 4 — versão atualizada do sinal de indígena.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Em segundo lugar, apresentamos o léxico de suicídio, disposto na figura 5. A primeira variação proposta aponta para um tipo específico de autoextermínio, o enforcamento, talvez por uma influência midiática, geralmente, apresentada em filmes, ou pode ser associada à forma como Tiradentes morreu. Entretanto, esse sinal não contempla a amplitude conceitual do léxico, nessa perspectiva, houve a proposição de um novo léxico, retratado na figura 6. A nova proposta tem a intenção de trazer uma conceituação mais abrangente desse léxico, ou seja, tirar a vida.

Figura 5 — primeira versão do sinal de suicídio.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 6 — versão atualizada do sinal de suicídio.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Por último, selecionamos o verbo falar, exibido na figura 7, a construção metonímica expressa nesse léxico, visualmente, traz como destaque a fala reproduzida por pessoas ouvintes, isto é, faz alusão à fala oral. Os surdos que entendem essa incoerência não utilizam mais esse e outros sinais que aludem à fala oral, por compreenderem que não precisam mais ser reféns das representações dos ouvintes. Por óbvio o uso da primeira versão, quando utilizada por seus falantes, pode referir-se à fala sinalizada, a questão que envolve o sinal é a região onde ele é realizado, ou seja, próximo à boca². A Libras é uma língua visual, seus léxicos, em tese, deveriam estar de acordo com essa visualidade. A partir disso, o léxico utilizado para a representação de língua de sinais ou sinalizar, demonstrado na figura 8, passou a ser utilizado por muitos como representação de falar, visto que é equivalente à forma de comunicação dos surdos.

² É importante esclarecer que, apesar de a Libras não ser uma língua oral, a boca exerce um papel na produção linguística. Ver Pêgo (2013).

Figura 7 — primeira versão do sinal de falar.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 8 — versão do verbo falar que se adequa à modalidade da língua.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

É possível aqui apontar outros exemplos, como é o caso do sinal de autismo, que, em suas variações, também apresenta aspectos isolados que não abarcam a diversidade intrínseca a esse transtorno de neurodesenvolvimento, trazendo características que nem todos os autistas apresentam. Trata-se, dessa forma, de sinais que estigmatizam essa condição.

Entretanto, este trabalho não tem como objetivo criar um repertório lexical e sim expor como os processos metonímicos na Libras, apesar de suas características constitutivamente visuais, podem provocar a idealização de sinais conceptualmente incompletos ou incoerentes.

Reflexões finais

Enfim, os léxicos aqui expostos apresentam problemas metonímicos, dado que a parte destacada na idealização deles não é mais representativa do todo. O léxico de indígena, de longe, representa os povos originários que habitam nosso solo brasileiro, tornando-se inadequado, pois a característica evocada na primeira versão não representa em nada os povos indígenas brasileiros e, como dito, foi rejeitado pelos surdos-indígenas. O léxico de suicídio, por sua vez, não atingiu a completude conceitual, podendo gerar equívocos sobre a forma em que houve o autoextermínio. Por fim, o verbo falar aponta metonimicamente à fala dos ouvintes, não representando, dessa forma, as falas sinalizadas produzidas pelos surdos.

Apesar da existência das novas proposições idealizadas com um conceituação mais adequada e/ou mais completa — o que as torna mais representativas —, as primeiras versões dos léxicos continuam sendo utilizadas, o que de fato não é um problema, pois não geram entroncamento na comunicação — mesmo se tratando do léxico de indígenas, o qual seu uso é politicamente incorreto.

A língua é viva e, quando necessário, passível de mudanças. Apesar dos pontos trazidos neste artigo, é importante salientar que os léxicos metonímicos, quando criados, trazem enriquecimento às línguas de sinais, afinal, possuem características icônicas, o que potencializa a visualidade presente nas línguas de sinais. Suas propriedades imagéticas facilitam a comunicação, dado às suas características icônicas que buscam reproduzir visualmente o objeto a que se referem.

Referências

ABORÍGINE. In: *Michaelis*: dicionário prático da língua portuguesa. 3 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018. p. 6.

ABREU, A. S. Metonímia: Uma visão cognitiva e funcional. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, v. 2, n.2, p. 142-157, 2008.

ALBRES, N. de A. Integração entre metáfora, metonímia e iconicidade: estudos da linguística cognitiva. In: ALBRES, N. de A.; XAVIER, A. N. *Libras em estudo*: descrição e análise. São Paulo: Editora Feneis LTDA, 2012, p. 57-84.

BÍBLIA de estudo Almeida. Tradução de João Ferreira. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

CAVALCANTE, S. M. S. Por uma abordagem cognitiva da linguagem humana. *Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio*, n. 44, p. 57-79, 29 dez. 2023.

CAVALCANTE, S. M. S.; MILITÃO, J. Vida na marginal: constituição identitária, emoções e metáfora em uma perspectiva cognitiva. In: CAVALCANTE, S. M. S.; MILITÃO, J. (org). *Linguagem e Cognição*: desafios e perspectivas contemporâneas. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2019. p. 225-262. (Série Ideias sobre Linguagem).

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

ESCRAVO. In: *Michaelis*: dicionário prático da língua portuguesa. 3 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018. p. 351.

GEERTZ, A. W. Brain, body and culture: A biocultural theory of religion. *Method & Theory in the Study of Religion*, Leiden, v. 22, n. 4, p. 304-321, 2010.

ÍNDIO. In: *Michaelis*: dicionário prático da língua portuguesa. 3 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018. p. 471.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de trad. Mara Sophia Zanutto. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

MURTA, M. A. Metáforas, iconicidade e metonímia na língua brasileira de sinais – Libras. In: *IX Conferência linguística e cognição: diálogos imprescindíveis. Anais[...]*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/CLingCog/174541-METAFORAS-ICONICIDADE-E-METONIMIA-NA-LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS--LIBRAS>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PAIVA, V. L. M. O. A metonímia como processo fractal multimodal. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora*. v.14, n. 1, p. 7-19, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25136>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PÊGO, C. F. *Sinais não-manuais gramaticais da LSB: um estudo do morfema-boca*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Tradução de Marcelo Pen. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA JUNIOR, D. R. C. da. *Metáfora em Libras: um estudo de léxico*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

TOMASELLO, M. Usage-based linguistics. In: GEERAERTS, D. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 439-458.

VALLE, K. F. do. *Construção de imagens mentais: uma análise cognitiva do processo de enunciação radiofônica*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

XAVIER, A. N.; SANTOS, T. A Iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. *Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 57, p. 60–103, 2017. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4069>.
Acesso em: 23 jan. 2024.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZLATEV, J. Meaning = life (+ culture): An outline of a unified biocultural theory of meaning. In: DIRVEN, R.; VERSPOOR, M. (orgs.). *Cognitive Exploration of Language and Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 1-27.